

# As línguas e *rankings* no Oscar da internacionalização das produções científicas latino-americanas

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i1.3180>

**Kyria Rebeca Finardi<sup>1</sup>**

## Resumo

Este artigo tem o objetivo duplo de resumir a discussão sobre políticas linguísticas e de internacionalização em relação à produção, avaliação e disseminação do conhecimento na América Latina iniciada no Seminário GEL 2021, e expandir/continuar o diálogo por meio da socialização das reflexões feitas no evento. A abordagem de questões relativas ao uso das línguas e métricas na produção, avaliação e circulação do conhecimento na América Latina é feita a partir de uma perspectiva crítica e decolonial, usando a metáfora do Oscar em relação ao uso do inglês e dos *rankings*. A reflexão conclui que, a fim de permitir uma ecologia de locais de produção e de línguas no “cinema” internacional, as estratégias e critérios de produção, avaliação e circulação da ciência, bem como de internacionalização do ensino superior latino-americano, devem ser revisadas.

**Palavras-chave:** políticas linguísticas; internacionalização; produção, avaliação e circulação do conhecimento; América Latina.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil; [kyria.finardi@gmail.com](mailto:kyria.finardi@gmail.com); <http://orcid.org/0000-0001-7983-2165>

# Languages and Oscar rankings of the internationalization of Latin American scientific productions

## Abstract

This article has the dual purpose of summarizing the discussion on language and internationalization policies in relation to the production, evaluation and dissemination of knowledge in Latin America initiated at the GEL 2021 Seminar, and to expand/continue the dialogue through the socialization of the reflections made at that event. Issues related to the use of languages and metrics in the production, evaluation and circulation of knowledge in Latin America are addressed from a critical and decolonial perspective, using the Oscar metaphor in relation to the use of English and rankings. The reflection concludes that in order to allow an ecology of places of production and languages in the international "cinema", the strategies and criteria for the production, evaluation and circulation of science, as well as for the internationalization of Latin American higher education, must be revised.

**Keywords:** language policies; internationalization; production, evaluation and circulation of knowledge; Latin America.

## Introdução

Este artigo tem o objetivo duplo de resumir a discussão iniciada no Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) de 2021 e expandir/continuar o diálogo por meio da socialização das reflexões feitas a partir desse evento, discutindo questões relativas ao uso de línguas e métricas na produção, avaliação e circulação do conhecimento na América Latina desde uma perspectiva crítica. Para tanto, uso a metáfora do Oscar do cinema norte-americano para discutir a produção, avaliação e circulação do conhecimento na América Latina, focando o papel das línguas e dos *rankings* na produção e internacionalização do conhecimento latino-americano.

Hamel (2021), em sua discussão do uso das línguas e dos sistemas de avaliação neoliberal no campo das ciências e no ensino superior (CES), critica o uso de bibliometria nesse processo. O argumento, muito bem colocado pelo autor durante sua fala no evento, é que o campo das ciências e da educação superior nos permite observar impactos da globalização evidenciados na expansão do inglês como única língua hipercentral que desloca outras línguas de importante circulação internacional, como é o caso do francês, do espanhol e do português, penetrando cada vez mais em seus territórios nacionais.

Considerando o objetivo deste texto de refletir sobre a possibilidade de uma ecologia de línguas e saberes na produção e internacionalização da ciência na América Latina, a análise feita aqui se deterá mais particularmente na situação do espanhol e do português.

Com base em Guimarães e Finardi (2021), no caso do português como língua estrangeira (PLE), e em Céspedes (2021), Finardi e Guzmán-Valenzuela (2021) e Macedo (2021) no caso do português e do espanhol como línguas locais e internacionais, argumentarei que o uso dessas duas línguas precisa ser revisto na produção do conhecimento latino-americano.

Voltando à questão da produção, avaliação e circulação do conhecimento no campo das CES, e ainda segundo Hamel (2021), esses processos estão ligados à internacionalização do ensino superior, uma vez que são promovidos e incentivados por sistemas de avaliação baseados em *rankings* e bibliometria que têm sérias consequências negativas, tais como, a fragmentação do campo das CES, já que consideram apenas a produção de artigos e não os outros fazeres da universidade como o ensino/formação e a pesquisa/produção. Outra consequência negativa do uso desse sistema de *rankings* e bibliometria é o isolamento das publicações feitas na América Latina. Conforme as Epistemologias do Sul e o conceito de linhas abissais de Boaventura de Sousa Santos (2007), usados como lentes epistemológicas do diálogo proposto neste texto, esse isolamento é visto como o apagamento ou invisibilidade das produções feitas do lado de cá das linhas abissais, ou seja, no Sul Global. Importante notar que o conceito de Sul Global é geopolítico e não geográfico, razão pela qual alinho a América Latina ao Sul Global nesta reflexão sem, no entanto, me referir à posição geográfica dessa região.

Outra consequência negativa desse sistema de avaliação baseado no fator de impacto como métrica para avaliar a produção acadêmica é sua inadequação, uma vez que esse sistema trata apenas da produção científica indexada, visível e quantificável, e como veremos na discussão proposta aqui, as línguas têm um importante papel na visibilidade e avaliação da produção nacional. Assim, comparo a produção científica nacional em termos de local e língua de produção, usando a metáfora do Oscar do cinema norte-americano, já que, segundo as métricas hollywoodianas, alguns filmes têm mais “circulação” e chance de ganhar o Oscar do que outros, dependendo de onde sejam feitos e em qual língua. Assim como o Oscar foi feito por e para os norte-americanos, premiando principalmente filmes produzidos segundo os critérios hollywoodianos, avanço a ideia de que os *rankings* e as métricas usados na produção científica internacional foram pensados por e para o Norte Global, de tal sorte que o filme/produção estrangeira só concorre nessa categoria e em condições de desigualdade com as outras, como veremos no que segue.

O atual sistema de produção e avaliação da ciência mundial hegemônico não é capaz de avaliar aspectos qualitativos e de impacto social dos vários fazeres do ensino superior, dentre os quais destaco a formação, produção e circulação do conhecimento dentro do tripé ensino, pesquisa e extensão da universidade. O argumento que pretendo avançar aqui é que essa “invisibilidade” da produção do Sul Global tem uma estreita relação com as línguas e os sistemas de avaliação/internacionalização usados nesse campo.

Outra consequência nefasta desse sistema de produção e avaliação quantitativa/objetiva com base em *rankings* e fator de impacto usados com o fim de internacionalizar a universidade (e não como meio de melhorar a qualidade do ensino, pesquisa e extensão da educação superior)<sup>2</sup> é a hierarquização de línguas, saberes e fazeres dentro do campo CES que, em última análise, distancia a universidade da sociedade, agravando sua crise de legitimidade, relevância e autonomia (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008).

Desde uma perspectiva crítica e de luta contra essa crise universitária, a tríplice missão da universidade traduzida na oferta de ações de ensino, pesquisa e extensão deve estar sintonizada com a sociedade e a realidade em torno da universidade. Como fazer isso em uma língua que a sociedade/comunidade acadêmica não fala? No “cinema” da produção científica nacional não é possível o uso de ‘legendas’ em todas as ações de ensino, pesquisa e extensão da universidade.

Além disso, segundo Santos e Almeida Filho (2012), a internacionalização do ensino superior, vista por esses autores como a quarta missão da universidade, deve ser incluída no fazer da universidade para garantir sua relevância local e global. Ainda que eu não concorde plenamente com a visão desses autores, já que vejo a internacionalização como parte dos fazeres da universidade dentro de sua tríplice missão (ensino, pesquisa e extensão) e não necessariamente como uma quarta missão, entendo que a tensão entre internacionalizar e manter a relevância local não é tarefa fácil e perpassa a discussão das políticas linguísticas, de internacionalização e da produção de ciência e saberes da universidade que pretendo desenvolver neste texto com um olhar focado na América Latina e suas línguas e saberes. No que segue, trago algumas reflexões sobre o uso de línguas na produção, avaliação e internacionalização do conhecimento na América Latina para ilustrar e continuar essa discussão.

## **Internacionalizando ou localizando a América Latina na geopolítica da CES?**

Desde uma perspectiva decolonial, Chiappa e Finardi (2021) analisaram os principais programas de internacionalização do Chile e do Brasil, a saber, o Becas Chile (BC) e o Ciência sem Fronteiras (CsF), respectivamente, a fim de revelar suas pegadas coloniais. Segundo as autoras, as estratégias de produção, avaliação, circulação e internacionalização do conhecimento que não tornem visível o legado colonial que constitui essas estratégias acabam se tornando catalisadoras da intensificação e reprodução das assimetrias entre universidades, pessoas e conhecimentos. A essa lista eu ainda acrescentaria as línguas. Conforme Finardi (2021), o reconhecimento das pegadas coloniais com a consequente inclusão de saberes do Sul representa um importante passo na emancipação do processo

---

<sup>2</sup> Importante notar a crítica que Knight (2017), entre outros, faz à visão da internacionalização como fim e não como meio.

de internacionalização na América Latina. Novamente, à inclusão de saberes do Sul eu proponho que suas línguas sejam consideradas, uma vez que elas não são apenas veículos de transmissão/circulação de conhecimento, mas principalmente, de produção de conhecimento.

A fim de incluir e dar visibilidade às línguas e conhecimentos nelas produzidos na América Latina, me apoio nas epistemologias do Sul (SANTOS, 2014) e nas contribuições do grupo decolonial latino-americano (por exemplo, QUIJANO, 2000, GROSFUGUEL, 2007, MALDONADO-TORRES, 2007, MIGNOLO, 2011, LEAL; MORAES, 2018) trazendo reflexões para mostrar como as línguas e métricas usadas na produção, avaliação e internacionalização do conhecimento não têm nos favorecido com suas hierarquias e critérios enviesados. Aliás, essa afirmação não deveria causar surpresa uma vez que, assim como no provérbio africano<sup>3</sup>, os caçadores são sempre os heróis, nós seremos sempre retratados como os leões enquanto os caçadores continuarem a contar a história da caça em suas línguas.

Argumento, desde essa perspectiva crítica e decolonial, que os fazeres da universidade traduzidos na produção, avaliação e internacionalização do conhecimento podem ser mais relevantes e reveladores, combatendo o racismo e a miopia epistemológica, se tivermos mais “caçadores” publicando em nossas línguas e desde nossos locais de enunciação (DINIZ FIGUEIREDO; MARTINEZ, 2021). Para usar outro pensamento africano que eu adoro, desta vez de autoria de Mandela<sup>4</sup>, proponho que, a fim de termos relações de internacionalização mais baseadas na compreensão/colaboração mútua do que na competição/entendimento unilateral, usemos as línguas nativas, quando possível, em nossos intercâmbios, bem como na produção, avaliação e circulação do conhecimento. Voltando à metáfora do cinema, e mesmo ciente de que muitos monolíngues convictos só assistem filme estrangeiro se for dublado, sugiro que, sempre que possível, vejamos o filme em seu idioma original, ainda que para tanto precisemos de legenda.

Vamos então nos debruçar sobre algumas questões que afetam a produção do conhecimento da CES, iniciando essa geo/localização/política. Na dinâmica da CES, a língua de publicação determina o *status*, a circulação e a avaliação de um artigo e da revista acadêmica onde é publicado, sendo que, segundo Alperin, Fischman e Willinsky (2011), quando se fala em publicação internacional se subentende que estamos falando de uma publicação em inglês. O mesmo podemos dizer de um filme: para que ele seja considerado internacional não basta que ele seja falado no idioma correto, mas tem que

---

3 Até que os leões contem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça.

4 “If you talk to a man in a language he understands, that goes to his head. If you talk to him in his own language, that goes to his heart.”

vir do local correto, conforme nos mostra o cinema bollywoodiano<sup>5</sup> que, apesar de ser em inglês, não tem o mesmo alcance e *status* do cinema hollywoodiano.

Altbach (1991) denuncia a desigualdade na visibilidade da produção acadêmica mundial sendo que, de nossa parte, argumento que essa desigualdade e invisibilidade passam pela língua e local de enunciação dessa produção. Dito de outra forma, dependendo da língua na qual um artigo for escrito e do local onde esse conhecimento for produzido, desde uma perspectiva decolonial e das epistemologias do Sul, podemos dizer que esse conhecimento é incompreensível e invisível por estar do “lado errado” das linhas abissais ou no Sul Global, onde, para efeitos da discussão proposta neste texto e em última análise, a América Latina está “localizada”. Na metáfora do cinema, o local e a língua do filme determinam se ele concorre ao Oscar hollywoodiano (ainda que somente na categoria de melhor filme estrangeiro) ou se o filme é visto apenas localmente como no cinema bollywoodiano.

Vessuri, Guédon e Cetto (2014) analisaram a produção acadêmica latino-americana concluindo que o fetiche da internacionalização como sinônimo de qualidade, fator de impacto e *rankings* afeta a avaliação da produção nessa/dessa região. Como resultado, as revistas locais têm que se adaptar a esse sistema de avaliação num modelo de “A escolha de Sofia”<sup>6</sup>, optando entre manter sua relevância local e impacto social por meio de publicações em idiomas locais ou buscar visibilidade internacional por meio da publicação em inglês, uma escolha duríssima (como a de Sofia no filme supramencionado) e um eterno jogo de troca-troca (*tradeoffs*) entre fator de impacto e impacto social.

Vale ressaltar que, nesse jogo, todos perdem já que acabamos não fazendo bem nenhuma das duas coisas, ou seja, não conseguimos manter nossa relevância local por meio do fator social, nem conseguimos “competir” no jogo do fator de impacto do Norte Global, já que as regras são feitas por e para eles. Voltando ao provérbio africano, não podemos deixar de ser caça enquanto forem os caçadores que contam a história com suas línguas. Quando conseguimos publicar em inglês para sermos admitidos no jogo deles, nossos papéis são secundários, meros figurantes, extras ou, no máximo, dublês, cuja função é dar visibilidade/credibilidade/audiência ao herói caçador anglo-saxão, enquanto nós aqui na América Latina continuamos como pumas e/ou onças, sim, porque aqui não há leões!

Nessa busca pela “Arca Perdida” da internacionalização das CES com seu tesouro de *rankings* e fator de impacto, treinamos nosso sotaque para fazer o papel Harrison Ford na série Indiana Jones, mas na hora do *casting* nossa síndrome do impostor nos denuncia

---

5 Bollywood é certamente a maior indústria de filmes da Índia, produzindo aproximadamente 400 filmes por ano com quase metade das bilheterias no país.

6 Filme/drama americano de 1982 dirigido e roteirizado por Alan J. Pakula e baseado no romance de 1979 de William Styron.

(JORDÃO, 2018, JORDÃO; MARTINEZ, 2021) e acabamos ficando com o papel dos carregadores da arca perdida. Se você já viu esse filme<sup>7</sup>, provavelmente está tentando se lembrar dos carregadores da arca... mas só nos lembramos do Indiana Jones.

Eis porque eu citei filmes hollywoodianos ao invés de usar outras referências de filmes latino-americanos que adoro, mas que não têm “legenda”, “dublagem”, nem circulação internacional. Esse é o caso de filmes como *Narradores de Javé*, produção brasileira que conta a história de um vilarejo com esse nome que corre o risco de desaparecer sob as águas de uma hidrelétrica. A fim de tentar poupar o vilarejo desse destino, os moradores decidem contar sua história transformando o local em patrimônio a ser preservado. O único problema é que os moradores são analfabetos e o único habitante que sabe escrever é o bêbado/louco da vila.

Eu poderia ter citado também o filme *Mi Mejor Enemigo*, um drama chileno-argentino que ganhou o Pudú de Prata de melhor filme chileno no Festival de Cinema de Valdivia, em 2005, e conta a história do conflito de Beagle entre Chile e Argentina em dezembro de 1978. O filme faz uma crítica velada ao conflito considerado desnecessário entre dois países vizinhos, terminando com o abandono dos soldados no final do conflito. Interessante notar que os soldados inimigos se tornam “amigos” por meio da linguagem comum do futebol.

Se você não assistiu a nenhum desses dois filmes latino-americanos, nunca ouviu falar do Pudú de Prata ou do Festival de Cinema de Gramado, então vai entender por que usei referências hollywoodianas para ilustrar o argumento que estou tentando desenvolver neste texto. Como disse uma escritora brasileira em uma entrevista à *Folha*, “Escrevi em inglês para ser lida”<sup>8</sup>, ou no caso deste texto, usei referências hollywoodianas para ser entendida.

No “filme” da produção na área de CES na América Latina, produções latino-americanas só concorrem ao Oscar na categoria de melhor filme estrangeiro sendo que, mesmo nessa categoria e segundo Hamel (2013), podemos ver a predominância de autores/atores americanos falando em espanhol para tomar o papel do mocinho latino-americano. Me refiro aos resultados de Hamel (2013) sobre o papel dos locais e das línguas da produção científica mundial.

Nesse estudo, Hamel (2013) traz um levantamento feito na base de citações da Arts & Humanities Index para mostrar o viés nos artigos aceitos/publicados segundo o país de

---

7 Caçadores da arca perdida.

8 <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/02/1235347-escrevi-em-ingles-para-ser-lida-diz-autora-lilian-carmine.shtml>

origem e a língua da produção. A distribuição de 62.513 publicações em inglês nessa base mostra os Estados Unidos em primeiro lugar com 18.617 artigos publicados, a Inglaterra em segundo com 5.776, o Canadá em terceiro com 1.788, a Austrália em quarto com 970, a Escócia em quinto com 792, a Alemanha em sexto com 590, a Holanda em sétimo com 408, a França em oitavo com 356, o País de Gales em nono com 335, a Itália em décimo com 322, Israel na décima primeira posição com 276, Nova Zelândia na décima segunda posição com 251, Irlanda em 13º lugar com 209 e finalmente a Espanha em 14º lugar com 191. Na tabela trazida por Hamel (2013), é importante notar que a Escócia fica acima da Alemanha e que o País de Gales, com apenas duas universidades, fica na frente da França!

Não é apenas o local de produção que conta. Ao mudar a análise para artigos escritos em espanhol na mesma base e no mesmo recorte temporal para verificar se o viés linguístico permanecia, as evidências trazidas por Hamel (2013) são, no mínimo, perturbadoras. No caso do espanhol, a distribuição de 1.384 artigos é bem menor do que a produção em inglês e em primeiro lugar vemos ninguém menos do que os Estados Unidos (*surprise, surprise*) com 245 artigos, seguido da Espanha com 205, o Chile em terceiro lugar com 45, a Argentina em quarto com 28, o México em quinto com 27, a França em sexto com 22, o Canadá em sétimo com 7 artigos, a Inglaterra e Itália na oitava e nona posições com 6 produções cada e, pasmem, o Peru em décima posição com 5 artigos apenas!

O fato de os Estados Unidos aparecerem na frente de países hispano falantes como a Espanha, o Chile e o México, e o fato de o Peru estar em décima posição corroboram meu argumento de que a língua é apenas parte da história da caça. O local onde esses trabalhos são produzidos também importa e, em muitos casos, determina a circulação, visibilidade, impacto e relevância que esses trabalhos terão.

De fato, em outro trabalho, Hamel (2017) discute o papel do inglês como língua hipercentral que representa mais de 70% das produções na área de humanidades e mais de 90% das produções das áreas de ciências sociais e da natureza, invisibilizando e deslocando outras línguas e saberes produzidos nelas, assim como discutido em sua fala no Seminário GEL 2021 (HAMEL, 2021). Desde uma perspectiva decolonial, podemos argumentar que os locais de enunciação, as línguas e as áreas do conhecimento se relacionam entre si em um hierarquização/invisibilização dos conhecimentos produzidos nos dois lados das linhas abissais.

Continuando com a metáfora de *tradeoffs* nas publicações e nos filmes hollywoodianos, Beigel (2014) sugere que os papéis principais, ou seja, as publicações internacionais, são produzidas por duas elites diferentes. A primeira elite é a dos que publicam em inglês e que, na nossa metáfora, concorrem ao Oscar em todas as categorias, ainda que sejam invisíveis (pelo menos como publicação ainda que não como filme, desde que tenham legenda) localmente. A segunda elite é formada pelos que publicam em idiomas locais



e, na nossa metáfora, concorrem ao Oscar apenas na categoria de filme estrangeiro, desde que tenham legenda e sigam os critérios de avaliação de Hollywood. O problema com a segunda categoria de filmes e produções é que eles concorrem, em condições desiguais, com todos, inclusive com autores/atores americanos e cujas produções (e filmes!) não carecem de legendas, dublagens ou notas explicativas, uma vez que utilizam a “linguagem universal da ciência e do cinema”, ou seja, o inglês.

Apesar de iniciativas latino-americanas no melhor estilo “O império, digo, o colonizado, contra-ataca”<sup>9</sup> ou “Bollywood x Hollywood” para dar visibilidade à produção acadêmica latino-americana como a criação das bases Redalint, Latindex, SciELO e Redalyc, Alperin, Fischman y Willinsky (2011) afirmam que a SciELO se converteu na versão latino-americana do *Science Citation Index* (SCI) (Oscar da bibliometria na nossa metáfora) com todas as suas virtudes e problemas. Uma das respostas da SciELO à predominância das ciências duras em detrimento das ciências sociais e humanas foi a criação da Redalyc, em 2002, para incluir a produção ibero-americana.

Entretanto e apesar dessas excelentes iniciativas, Bernasconi (2012) pontua que esses modelos importados do Norte Global (Oscar para nós) reforçam a visibilidade das publicações/filmes em inglês e das áreas ditas duras em detrimento de todo o conhecimento/filme feito em outras línguas, regiões e áreas do conhecimento. De fato, se considerarmos a inquietante afirmação de Brunner e Salazar (2009) de que quase 90% de todos os artigos científicos nunca são citados e que metade deles nunca chega a ser lido por mais de três pessoas (autor, revisor, editor), então vemos a importância de escolher bem onde e como publicamos/produzimos nossos filmes para que eles não caiam na linha da invisibilidade dos que estão do lado errado das linhas abissais.

Dito de outra forma, o ‘onde’ e ‘a língua’ na qual produzimos um artigo (ou filme na nossa metáfora) determinará a visibilidade (e portanto, avaliação e chances de ganhar o Oscar) dessa produção mais do que o conteúdo em si. No caso da produção brasileira, Meneghini e Packer (2007) mostram que mais da metade dela está em português, ainda que dados mais atuais de Céspedes (2021) com a análise da produção latino-americana no Scopus e no Web of Science de 2020 em termos de idioma e país de publicação mostrem a liderança do Brasil, embora essa liderança não encontre a devida correspondência com o uso do português nessas publicações.

Essa invisibilidade do português permanece mesmo quando olhamos para o uso dessa língua em outros fazeres da universidade, como é o caso do ensino por meio do português para fins de internacionalização. Em um levantamento da oferta de curso de português como língua estrangeira (PLE) no Brasil, Guimarães e Finardi (2021) concluíram que essa oferta fica muito aquém do desejado se o objetivo for uma internacionalização mais crítica e situada que inclua as ações de ensino, pesquisa e extensão.

---

9 Faço aqui um trocadilho com o filme hollywoodiano *O Império Contra-Ataca*.

Voltando às publicações, os resultados de Céspedes (2021) mostram que o espanhol é o idioma predominante nas principais revistas latino-americanas, especialmente nas ciências sociais e humanas, ao passo que as revistas multilíngues tendem a associar o espanhol ou português ao inglês. Os resultados desse estudo mostram ainda que a combinação de espanhol e português, as duas principais línguas da América Latina, é significativamente menor do que a combinação de uma delas com o inglês, concluindo então pela necessidade de repensarmos a produção científica latino-americana em relação ao papel do inglês como língua franca acadêmica e do espanhol e português como línguas locais e internacionais.

Vários autores, dentre eles os do grupo latino americano de decolonialidade citados anteriormente aqui, destacam a hierarquização entre as áreas do conhecimento, sendo que autores como Céspedes (2021), Guzmán-Vallenzuela e Gomes (2019), entre outros, sugerem que as ciências sociais e humanas são mais sensíveis aos contextos e, portanto, aos idiomas nos quais essas produções são feitas. Não surpreende, assim, que na busca pelo Oscar dos *rankings* e do fator de impacto, as ciências exatas/duras, que publicam mais em inglês e em revistas internacionais, sejam mais visíveis/competitivas do que as ciências humanas e sociais/moles, que publicam em suas línguas locais e são mais dependentes de seus contextos.

Aqui retornamos à fala de Hamel (2021) sobre o papel do inglês como língua hipercentral deslocando outras línguas internacionais, como é o caso do espanhol, quarta língua mais falada no mundo, com mais de meio bilhão de falantes, e do português, oitava língua mais falada no mundo com mais de 250 milhões de falantes. Se olharmos para o papel de colaboração/inclusão das línguas nos diálogos científicos internacionais, veremos como o português e espanhol têm um papel importantíssimo na visibilidade da produção do Sul Global.

O espanhol e o português são as principais línguas de produção e circulação do conhecimento no Sul Global e segundo a fala de Susana Catita, do Centro de Ciência em Língua Portuguesa (<https://www.ciencialp.pt/>), no evento organizado pela Organização dos Estados Iberoamericanos em julho de 2021 sobre os desafios para a ciência em espanhol e português (OEI, 2021, evento *on-line*)<sup>10</sup>, o português é a língua mais usada no Sul (se referindo principalmente ao papel dessa língua no acesso à informação na África). Vemos que o desafio não é apenas publicar em espanhol, português ou inglês, mas manter a relevância social e local ao mesmo tempo em que encetamos diálogos internacionais, dando visibilidade para a produção do Sul Global sem, contudo, sermos excluídos ou minorizados por esse sistema de avaliação e *rankings* que não foram pensados por nós, nem para nós (FINARDI; GUIMARÃES, 2017).

---

<sup>10</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=Bue0tfGLKwk>

## **As línguas na localização e internacionalização do conhecimento**

Considerando o papel das línguas no processo de produção, avaliação e circulação do conhecimento, Guzmán-Valenzuela e Gómez (2019) sugerem que os pesquisadores latino-americanos sofrem uma pressão dupla para manter o reconhecimento local publicando em espanhol e português ao mesmo tempo em que visam aumentar sua visibilidade/internacionalização/audiência publicando em inglês. Nesse dilema digno de uma Sofia latino-americana, Hamel (2017) propõe algumas alternativas, como a preferência por textos em seu original, quando possível, assim como a citação de textos em seu original, usando traduções somente quando necessário, tal como fiz aqui com a citação da Mandela e na sugestão de vermos filmes com legendas ao invés de dublagens.

Além dessas alternativas, Hamel (2017) sugere o uso do bilinguismo receptivo ou de intercompreensão no campo das CES, tendo ainda a língua nacional como a principal língua dos subcampos da produção e formação, e como língua co-presente no subcampo da circulação/internacionalização, criando condições para uma integração regional, privilegiando o espanhol e o português na América Latina. A sugestão de Hamel não exclui possibilidades de cooperação com o Norte Global, mas questiona a posição subalterna das línguas e conhecimentos produzidos na América Latina.

Sobre o uso da abordagem de intercompreensão, Guimarães (2021) trata do uso do francês como língua internacional no campo da produção CES brasileira. Considerando a lei que tornou o ensino de inglês obrigatório na educação básica brasileira, Finardi (2017) sugere o uso da abordagem de intercompreensão para incluir o espanhol, francês e italiano no currículo da educação formal. Finalmente, considerando a sugestão de Hamel (2017) de que a língua nacional seja usada no subcampo de formação (ensino), importa lembrar os resultados do levantamento feito por Guimarães e Finardi (2021), mostrando que a oferta de cursos de português como língua estrangeira no Brasil ainda está muito distante de concorrer a um Pudú de Prata e mais ainda de um Oscar de ouro (aliás, a hierarquia entre os dois metais e prêmios daria outro texto).

## **Concluindo no Pódio da Prata do Pudú e do Ouro do Oscar**

Escrevo este texto durante as Olimpíadas de Tóquio e, para não sair da metáfora do cinema, concludo com a prata e o ouro do Pudú e do Oscar, em vez de falar das medalhas, para não mudar abruptamente de cenário. Entretanto, registro aqui a relação e hierarquização desses dois prêmios/metais com a colonialidade/invisibilidade da produção acadêmica latino-americana e de suas línguas no pódio mundial. Os jogos olímpicos, assim como a internacionalização do ensino superior, apesar de suas boas intenções de criar cooperação/integração entre os povos e seus saberes/habilidades, criaram uma competição em que nem todos os atletas/atores têm o uniforme/idioma correto para concorrer a um lugar no pódio.

Neste trabalho, propus a reflexão sobre a produção, avaliação e disseminação do conhecimento na América Latina, abordando questões relativas ao local de produção e ao uso das línguas na produção, avaliação e circulação do conhecimento desde uma perspectiva crítica e decolonial. Para tanto, lancei mão da metáfora do Oscar do cinema hollywoodiano, estabelecendo uma relação com a produção acadêmica internacional, concluindo que a área das CES se encontra em um dilema entre ter relevância/visibilidade local, produzindo em espanhol e português numa espécie de resistência bollywoodiana, ou concorrer e se contentar com lugares e papéis secundários no pódio internacional por meio da publicação em inglês. Discutimos o papel dos locais e das línguas nas ciências, focando na tensão entre manter relevância local e obter visibilidade internacional, propondo algumas alternativas para uma ecologia de línguas e saberes no pódio internacional.

## Agradecimentos

A autora agradece ao CNPq pela bolsa de produtividade em pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALPERIN, J. P.; FISCHMAN, G. E.; WILLINSKY, J. Scholarly communication strategies in Latin America's research-intensive universities. *Educación superior y sociedad*, v. 16, n. 2, p. 1-19, 2011.

ALTBACH, P. G. Trends in comparative education. *Comparative education review*, v. 35, n. 3, p. 491-507, 1991.

BEIGEL, F. Publishing from the periphery: Structural heterogeneity and segmented circuits. The evaluation of scientific publications for tenure in Argentina's CONICET. *Current Sociology*, v. 62, n. 5, p. 743-765, 2014.

BERNASCONI, A. Are global rankings unfair to Latin American universities? *International Higher Education*, v. 72, p. 12-13, 2012.

CÉSPEDES, L. Revistas Latino-Americanas e Línguas Hegemônicas para publicação Acadêmica no Scopus e Web of Science. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 60, n. 1, p. 141-154, 2021.

CHIAPPA, R.; FINARDI, K. R. Coloniality prints in internationalization of higher education: The case of Brazilian and Chilean international scholarships. *Scholarship of Teaching and Learning in the South*, v. 5, n. 1, p. 25-45, 2021.

DINIZ DE FIGUEIREDO, E. H.; MARTINEZ, J. The locus of enunciation as a way to confront epistemological racism and decolonize scholarly knowledge. *Applied Linguistics*, v. 42, n. 2, p. 355-359, 2021.

FINARDI, K. R. Internacionalización desde una perspectiva del sur, crítica y emancipadora. *Revista REDALINT*, Universidad, Internacionalización e Integración Regional, v. 1, n. 2, p. 95-117, 2021.

FINARDI, K. R. What can Brazil learn from multilingual Switzerland and its use of English as a multilingua franca. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 39, n. 2, p. 219-228, 2017.

FINARDI, K. R.; GUIMARÃES, F. F. Internacionalização, *rankings* e publicações em inglês: a situação do Brasil na atualidade. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 28, n. 68, p. 600-626, 2017.

FINARDI, K. R.; GUZMÁN-VALENZUELA, C. Pensando a internacionalização do ensino superior na América Latina a partir de evidências da produção científica do Brasil e do Chile. In: WASSEM, J.; PEREIRA, E. M. A.; FERREIRA, E. B. (org.). *Novos e velhos desafios da internacionalização da educação superior na contemporaneidade*. São Paulo: Annablume Editora, 2021. p. 179-193.

GROSGOUEL, R. Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas. *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*, p. 63-77, 2007.

GUIMARÃES, F. F.; FINARDI, K. R. Internacionalização e Português como Língua Estrangeira (PLE): levantamento e discussão. *Revista Internacional de Educação Superior*, v. 8, p. e022003-e022003, 2022.

GUZMÁN-VALENZUELA, C.; GÓMEZ, C. Advancing a knowledge ecology: Changing patterns of higher education studies in Latin America. *Higher Education*, v. 77, n. 1, p. 115-133, 2019.

HAMEL, R. E. Políticas de linguagem, internacionalização e construção de modelos plurilíngües nas universidades latino-americanas. In: SEMINÁRIO DO GEL, 68, 2021. São Paulo: GEL, 2021.

HAMEL, R. E. Enfrentando las estrategias del imperio: hacia políticas del lenguaje en las ciencias y la educación superior en América Latina. *Poéticas e políticas da linguagem em vias de descolonização*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 229-261.

HAMEL, R. E. L'anglais, langue unique pour les sciences? Le rôle des modèles plurilingues dans la recherche, la communication scientifique et l'enseignement supérieur. *Synergies Europe*, n. 8, p. 53-66, 2013.

JORDÃO, C. M. Intelligibility, mimicry and internationalization: Localized practices in higher education, or can the Global South speak? In: *English-Medium Instruction from an English as a Lingua Franca Perspective*. Routledge, 2018. p. 32-45.

JORDÃO, C. M.; MARTINEZ, J. Z. Wines, Bottles, Crises: A Decolonial Perspective on Brazilian Higher Education. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 21, p. 577-604, 2021.

KNIGHT, J. Global: Five Truths about Internationalization: International Higher Education, Fall 2012, Number 69. In: *Understanding higher education internationalization*. Brill Sense, 2017. p. 13-15.

LEAL, F. G.; MORAES, M. C. B. Decoloniality as epistemology for the theoretical field of the internationalization of Higher Education. *Education Policy Analysis Archives*, v. 26, p. 87, 2018.


MACEDO, M. do S. A. N. Internacionalização do ensino superior: uma perspectiva decolonial. *Laplage em Revista, [S. l.]*, v. 6, n. 1, p. 91-103, 2020. Disponível em: <https://laplageemrevista.editorialaar.com/index.php/lpg1/article/view/495>. Acesso em: 5 ago. 2021.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*, p. 127-167, 2007.

MENEGHINI, R.; PACKER, A. L. Is there science beyond English? Initiatives to increase the quality and visibility of non-English publications might help to break down language barriers in scientific communication. *EMBO reports*, v. 8, n. 2, p. 112-116, 2007.

MIGNOLO, W. D. *The darker side of Western modernity*. Duke University Press, 2011.

QUIJANO, A. Coloniality of power and Eurocentrism in Latin America. *International Sociology*, v. 15, n. 2, p. 215-232, 2000.



SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos CEBRAP*, p. 71-94, 2007.

SANTOS, B. S. *Epistemologies of the South: Justice against Epistemicide*, p. 949-951, 2014.

SANTOS, B. S.; ALMEIDA FILHO, N. *A universidade no século XXI: para uma universidade nova*. Almedina, 2008.

SANTOS, F. S.; DE ALMEIDA FILHO, N. *A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2012.

VESSURI, H.; GUÉDON, J. C.; CETTO, A. M. Excellence or quality? Impact of the current competition regime on science and scientific publishing in Latin America and its implications for development. *Current sociology*, v. 62, n. 5, p. 647-665, 2014.